



O TERRÍVEL ESPECTRO DE UMA FORMA HUMANA: REPRESENTAÇÕES GÓTICAS DE MONSTRUOSIDADE E RAÇA EM *FRANKENSTEIN: OU, O PROMETEU MODERNO* (1818) E *PRESUMPTION: OR, THE FATE OF FRANKENSTEIN* (1823)

Palavras-chave: História e Literatura; Ficção gótica; Raça.

Gabriella Mariana Teodoro Sbrugnera, IFCH – UNICAMP

Prof^a Dr^a Raquel Gryszczenko Alves Gomes (orientadora), IFCH – UNICAMP

OBJETIVOS DA PESQUISA

A pesquisa tem como objetivo geral contribuir para a produção de conhecimento histórico sobre narrativas literárias, dinâmicas raciais e linguagens políticas do século XIX. Propõe-se uma investigação dos laços entre o sistema retórico do Gótico oitocentista, a figura histórica e estética do monstro e o caldo cultural de discursos sobre raça e escravidão na Inglaterra durante a década de 1820, buscando compreender em que medida a monstrosidade, forjada entre a subjetividade literária gótica e o discurso público, passa a oferecer um vetor eficaz para a elaboração, corporificação e proliferação de medos raciais no século XIX. Para tanto, são examinadas enquanto fontes primárias as obras *Frankenstein: ou, o Prometeu moderno* (1818), de Mary Shelley, e *Presumption: or, the Fate of Frankenstein* (1823), de Richard Brinsley Peake, sendo nosso enfoque central a representação linguístico-cultural da personagem monstruosa de ambas as obras; a saber, a *Criatura*, concebida por Victor Frankenstein e reelaborada a partir de

outras vozes e discursos enunciados no contexto histórico de estudo. Para além do escopo fictício da literatura e do teatro, os corpos narrativos engendrados pelas obras se entrelaçam a vocabulários políticos e culturais. Um ano mais tarde à estreia de *Presumption*, seis após a primeira publicação de *Frankenstein*, a Criatura frankensteiniana aparece materializada em um léxico representacional e argumentativo durante sessão comum do parlamento inglês, *Melhoria da condição da população escrava nas Índias ocidentais* (1824), na fala de George Canning:

Ao lidarmos com o negro, Senhor, nós devemos lembrar que estamos lidando com um ser que possui a forma e a força de um homem, mas um intelecto apenas de uma criança. Deixá-lo solto na humanidade de sua força física e na maturidade de suas paixões físicas, mas na infância de sua razão não instruída, seria como despertar uma criatura semelhante à esplêndida ficção de um romance recente, cujo herói constrói uma forma humana, com todas as capacidades corpóreas de um homem e os ossos e tendões de um gigante; mas, incapaz de transmitir uma percepção de certo e errado ao trabalho de suas mãos, descobre tarde demais que criou somente um poder mais do que mortal de causar danos, e, ele mesmo, recua do monstro que criou.

Objetivando destrinchar o quadro de significantes culturais e as condições de possibilidade para a emergência de representações como a de Canning, nossa pesquisa se dedica a examinar as relações dialógicas que codificam discursos de raça e escravidão na monstrosidade frankensteiniana entre os anos de 1818 e 1824. Busca-se, assim, lançar luz sobre as disputas simbólicas por trás do Outro inassimilável que reside no âmago desta figura e as contribuições das lentes em debate para uma compreensão histórica da Inglaterra do período.

METODOLOGIA DA PESQUISA

Os métodos primários da pesquisa consistiram em atividades de leitura, revisão e debate bibliográficos sobre o Gótico inglês, a construção de imaginários literários e políticos do Outro no século XIX e o lugar do monstro dentro da linguagem do pânico engendrada pelo gênero (Brooks, 1976; Halberstam, 1995; Malchow, 1996; Cohen, 1996; Punter, 1998; Botting, 2005; Mulvey-Roberts, 2016; Saggini, 2016). A opção por este caminho como ponto de partida se origina em

nossa percepção de que entendimentos basilares sobre como a historiografia especializada abordou os temas de discussão delimitariam um quadro de compreensão proveitoso para afunilar os horizontes da pesquisa, posicionando criticamente nossas próprias interpretações teórico-metodológicas com maior clareza e rigor epistemológico. Priorizamos, sobretudo, demarcar com maior especificidade o que entendemos por *Gótico*; como nos inserimos no panorama historiográfico das representações góticas de raça no século XIX; o que torna as figuras monstruosas pertinentes e diferenciais para esse debate; e quais bases epistêmicas particularizam nosso problema de pesquisa e auxiliam na leitura das fontes. Trata-se de um debate bibliográfico eminentemente *dialógico*, que espelha a metodologia adotada para a análise das obras e do discurso público.

Operada em paralelo ao mergulho crítico na bibliografia, a leitura das fontes históricas de nosso corpus foi norteadas por uma análise dialógica e pós-colonial de representações culturais, articulando teóricos como Roger Chartier (1991), Mikhail Bakhtin (2003) e Frantz Fanon (2020). Entendendo que tanto as noções de monstruosidade e raça quanto os discursos de escravidão correntes no período são frutos de profundas negociações e disputas simbólicas no campo das *representações*, adotamos uma metodologia dialógico-histórica que pudesse se aprofundar nas fontes de modo a identificar estas tensões. Mapeamos, então, os atributos narrativos e representacionais que viabilizam a corporificação de uma *monstruosidade racializada* (Halberstam, 1995) na personagem em estudo, das páginas de Shelley aos palcos de Peake; do monstro tempestuoso e irreprimível, em Shelley, ao afásico e domesticado, em Peake. Resgatando contribuições de Fanon (2020) sobre subjetivação e linguagem na esteira da pós-colonialidade, pudemos matizar algumas investigações no interior dos estudos do monstro e do Gótico, acenando para os modos pelos quais muitos procedimentos literários não parecem se encerrar em uma demanda estética do gênero, mas responder a ansiedades e terrores político-culturais em torno da diferença, da iminência de insurreições e da ameaça inominável do Outro.

Com o intuito de evitar uma análise exclusivamente intratextual e delinear os contornos

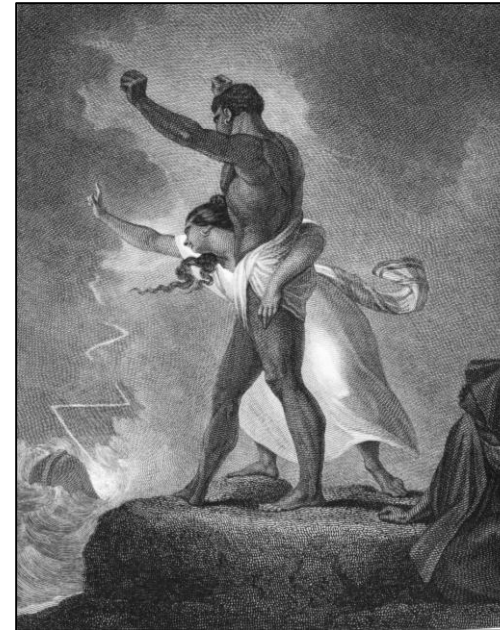


Fig. 1: *The Negro Revenged* (1807), Henry Fuseli. Victoria and Albert Museum, Londres.

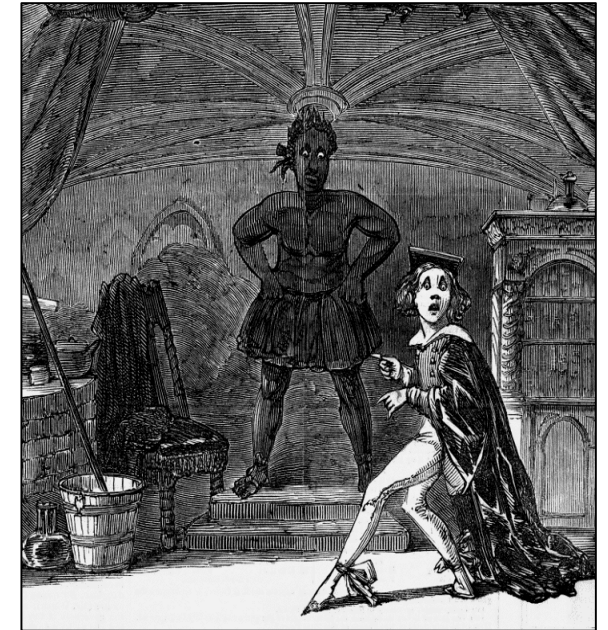


Fig. 2: *Frankenstein; or, The Model Man* (1849), The Illustrated London News, Jan 12, 1850.

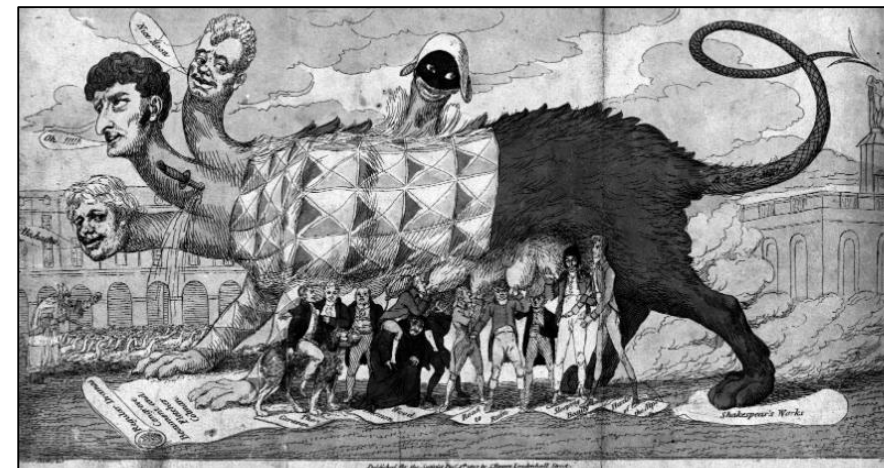


Fig. 3: *The Monster Melo-Drama*, publicado no *The Satirist* por S. Tipper. Dezembro de 1807. Victoria and Albert Museum, Londres.

de uma imaginação histórica *dialogica* e *polifônica* sobre os temas em debate, nossa metodologia se propôs a mapear fragmentos do discurso público a respeito das duas obras, recorrendo, para tanto, à imprensa londrina do período. Foram incorporadas à pesquisa fontes documentais referentes a três jornais principais: *The Theatrical Observer* (c. 1821), *The Morning Post* (1772) e *The Gentleman's Magazine* (1731). Associada à análise de passagens-chave e elementos narrativos das obras, a leitura crítica de resenhas foi elegida como uma chave metodológica central para entender as *maneiras de ler* (Chartier, 2001) e as operações receptivas da *dramaturgia do espectador* (Saggini, 2016) no contexto de estudo. Consideramos que estas propostas metodológicas possibilitaram um estudo das representações góticas de raça e monstrosidade atento às circulações de ideias, sujeitos e linguagens que enquadram criativa e dinamicamente o monstro nascido em *Frankenstein* e ressignificado em outro corpo em *Presumption*.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os percursos trilhados pela pesquisa puderam desvelar, em primeira análise, o teor significativamente recente dos debates epistemológicos que buscam aproximar – ou avultar as proximidades já existentes – a ficção gótica oitocentista aos discursos e práticas culturais referentes à raça, escravidão e colonialismo. Pelo menos até os anos 1980, as produções de conhecimento em torno das escritas de excesso e transgressão (Botting, 2005) do Gótico se ancoram em alguns lugares-comuns, particularmente reincidentes e longevos: desde as ideias de *lado obscuro do Romantismo* e de *retorno ao passado medieval* sob a égide da *Era das Revoluções*, marcadas por estudos marxistas e da história social; até as perspectivas da *estética de um medo prazeroso* e de *ficção do desejo inconsciente*, protagonizadas por estudos semióticos e psicanalíticos. É somente nas décadas finais do século XX que se verifica uma profusão de questionamentos específicos sobre os modos pelos quais o Gótico europeu pode ter se alimentado dos substratos históricos e culturais dos medos raciais em um contexto marcado por ambivalências advindas do abolicionismo, das bases do racismo científico e de rebeliões de escravizados. Entre

estudos como os de Malchow (1996), Lloyd-Smith (2004), Goddu (2014) e Mulvey-Roberts (2016), consolida-se de forma gradual um panorama de compreensão sobre como muitas obras de ficção gótica tomam emprestados dos alicerces da ideia de raça e do sistema escravista muitos de seus símbolos, espaços e assombros. Os ecos de uma linguagem vinculada a cativeiros, insurreições, atos de violência e desumanização, dicotomias entre o *Eu* e o *Outro*, controle, submissão e monstros não se restringem à fabulação literária ou a coincidências, ocorrências meramente circunstanciais; mas indicam, com efeito, que a subjetividade gótica deveu uma parte substancial de seu poder a medos profundamente palpáveis, históricos e *externos* ao sistema literário. Trata-se, mais do que isso, de uma relação constituída mutuamente: “Se a ficção gótica contou com as veracidades da escravidão para criar seus tropos e terrores, muitos significados culturais da escravidão se moldaram pelo discurso público do Gótico” (Goddu, 2014, p. 72).

Assim, enfatizando que “o racismo exigia uma ‘demonização’ [...] da diferença” (Malchow, 1996, p. 3), defendemos que o Gótico pode revelar tanto a invenção da alteridade monstruosa à que se busca demonizar quanto os modos pelos quais a violência, o horror e a *desposseção* do Outro racializado condicionam a invenção da própria subjetividade branca e ocidental no século XIX; sendo o monstro, etimologicamente “aquele que revela [ou alerta]” (Cohen, 1996), uma das mais potentes respostas do Gótico aos enigmas da ameaça, do indizível, do inassimilável. Ao longo da pesquisa, compreendemos que um dos principais motivos pelos quais os monstros são profundamente indissociáveis da tradição gótica reside em que o Gótico, enquanto gênero narrativo moderno, seja, em si, preponderantemente indissociável dos processos históricos de construção de identidades ocidentais, como o *sujeito moderno*, a *nação* e a *burguesia*. A subjetividade moderna se elabora enquanto um exercício de equilíbrio entre dicotomias, e é precisamente nesse cenário que o monstro emerge como uma espécie de elemento fantasma, um corpo híbrido que alegoriza os imaginários do Outro. De vampiros a *man-made monsters*, a corporificação gótica de terrores em monstros produz máquinas de significados (Halberstam, 1995) que tendem a condensar tudo aquilo que a

humanidade não pode ou deve ser. Essa condensação pode acontecer dentro das narrativas, isto é, por meio das ideias de monstrosidade delineadas artisticamente pelo autor, mas costuma se fortalecer em torno da construção de sentido mediante leituras, reflexões e apropriações de uma obra. Nosso aprofundamento em estudos teóricos sobre a monstrosidade demonstrou que os maiores propulsores do monstro enquanto um alerta à serviço do medo e dos marcadores de diferença são o excesso de significado (sua capacidade de abrigar inúmeras interpretações sobre medo e transgressão) e a recusa à categorização (sua capacidade de se esquivar das normas e, assim, encarnar ideias de perigo e sempre renascer em momentos de crise).

Com efeito, pudemos localizar tensionamentos e reverberações do excesso de significado e da recusa à categorização nas monstrosidades elaborada pelas obras em estudo; mais do que isso, uma observação atenta indica que é como se acompanhássemos uma verdadeira *genealogia* do monstro racial. Em primeiro lugar, na narrativa de *Frankenstein* (1818), é possível identificar de forma curiosamente literal, quase alegórica, a construção estética – o *nascimento*, efetivamente – de uma máquina de significados monstruosos. Para a estruturação corpórea da Criatura, Victor reúne um conjunto de matéria orgânica inanimada saqueada de covas de sujeitos marginalizados, criminosos e anônimos, criando uma configuração fisicamente elucidativa sobre a capacidade intrínseca aos monstros de corporificar muitos desvios aterrorizantes. Tem-se, de antemão, uma representação da importância dos monstros ao Gótico: uma tecnologia narrativa que pode, às vezes literalmente, encarnar assombros e antagonismos; um excesso de significado ambulante. Indo além, observamos que a inserção da Criatura ao cotidiano sociocultural nos conduz por uma narrativa de subalternização à medida em que a personagem tem seu nome e origem negados, com uma identidade restrita aos termos “monstro” e “demônio”. Ao passo que estes termos a aprisionam a uma ordem delimitada pela diferença, responsável por reger o pavor e a rejeição por parte de todos que a circundam, a Criatura encontra na *linguagem* seu meio de subjetivação. Ao adquirir uma voz, a personagem monstruosa de *Frankenstein* se constitui como um sujeito notadamente eloquente, crítico e insubmisso. Entretanto, inserindo-se em um sistema de sentido, a fruição da linguagem pela

Criatura não se restringe à faculdade humana, mas alegoriza, sobretudo, a linguagem como o modo pelo qual significamos a relação com o Outro. Como se vê em Fanon (2020), ao falar, um sujeito se constitui e se reconhece como fragmento de uma cultura: “falar significa estar em um local para usar uma certa sintaxe, para compreender a morfologia desta ou daquela linguagem, mas significa, acima de tudo, assumir uma cultura, sustentar o peso de uma civilização” (Fanon, 2020, p. 31). Em Shelley, observamos o confronto entre o monstro insubmisso e tempestuoso, tomado pelo ímpeto de liberdade na busca de vingança em relação ao criador, e o peso invariável de se manter atado a uma cultura que não reconhece sua subjetividade – “por um instante, ousei sacudir-me de minhas correntes... mas o ferro havia consumido a minha carne” (Shelley, 2018, p. 157); “eu era o escravo, não o senhor, de um impulso” (Shelley, 2018, p. 213).

Até aqui, sublinha-se representação de uma monstrosidade que, em si, pode ser e efetivamente já foi lida historicamente à luz de perspectivas raciais, de escravidão e subalternidade. Malchow (1996) e Lloyd-Smith (2004) oferecem exemplos valiosos de como a linguagem de *Frankenstein* (1818) se elabora de modo intimamente ligado a medos sobre insurreições e o Outro racial, afora as afinidades com convenções estruturais das *Slave Narratives* produzidas no século XIX. Porém, como exemplificado anteriormente pela representação monstruosa forjada por Canning em 1824, há contornos que favorecem a proliferação do alerta corporificado no monstro quando este se realiza por um sujeito que não pode sequer recorrer à linguagem. O excesso de significado que demarca a diferença, o perigo e alteridade do monstro é levado a seu extremo – e, ainda, apto a ser *bem-sucedido* em sua desumanização – quando, em *Presumption* (1823), nos deparamos com o corpo fundamentalmente domesticado, emudecido e submisso da Criatura. Na adaptação teatral, o monstro denominado “-----” se particulariza sobretudo pelas possibilidades de controle, docilização e domesticação introduzidas à narrativa. Em contrapartida às habilidades de rebelião em relação ao criador narradas por Shelley – “Você é meu criador, mas eu sou seu mestre; Obedeça!” (Shelley, 2018, p. 162) – a ausência da articulação linguístico-cultural, associadamente às descrições visuais e resenhas, nos sugerem que as especificidades da obra de Peake

favorecem diferencialmente a criação de um vocabulário racializado em torno do monstro. Se, por um lado, a mudança de paradigma operada pela dramatização responde às nuances narrativas e morais próprias ao melodrama gótico (Brooks, 1976), reiteramos que, por outro, para além de demandas estéticas e aspectos como a intencionalidade autoral, a potencialidade dos monstros se amplifica por meio do contato com o leitor, o espectador e o discurso público em um determinado contexto histórico e cultural. Isso não significa pura e simplesmente que buscamos comprovar, por exemplo, que a fala de Canning recorre à representação gótica da monstruosidade em *Presumption*, em vez de *Frankenstein*; trata-se menos de uma pretensa excepcionalidade da obra e mais de um caráter coletivo, dialógico e racial da monstruosidade cuja genealogia é gestada nas páginas de Shelley e *metamorfoseada* em Peake. Buscamos sugerir que, ao lado de Canning, relatos de “uma besta pintada em azul”, uma “‘pestilência ambulante’ [causando] morte e destruição ao redor” e um “retrato de um *selvagem americano*” não se encerram em ocorrências anedóticas sobre a peça, mas dizem respeito a um processo mais complexo de criação de um álibis cultural de agressão (Gay, 1988) apto a representar e legitimar atos de violência, domesticação e dominação de corpos perigosos na Inglaterra pré-vitoriana. Corroborando com Robbins (2017), Malchow (1996) e Mulvey-Roberts (2016), localizamos neste lócus uma confluência profunda de discursos sobre raça, escravidão e colonialismo que interpretam e enquadram a Criatura *frankensteiniana* enquanto, no limite, um bom selvagem; *a man and a brother*. O inventário cultural construído em torno da obra de Shelley atesta o sucesso experienciado por esta narrativa, quase dois séculos mais tarde; pouco se explicitam, na Criatura recorrentemente emudecida e insubmissa em adaptações canônicas de *Frankenstein*, os vestígios da eloquência outrora escrita no livro de 1818. Ao mesmo tempo, conforme esta pesquisa se dedica a defender, é a contínua significação da monstruosidade que indica a presença vestigial desse processo. Monstros, mostra Cohen (1996), são “nossas criações” e sempre retornam com conhecimentos e discursos mais complexos; em última instância, “eles nos perguntam por que os criamos” (Cohen, 1996, p. 20)

CONCLUSÕES

Longe de uma produção categoricamente conclusiva, esta pesquisa se edifica por esforços de aproximação de temas complexos e em reelaboração à vista de novas óticas no interior das Ciências Humanas há pelo menos duas décadas. Percorrendo as formas monstruosas da personagem frankensteiniana e seus significantes histórico-culturais, espera-se contribuir com os debates da historiografia e teoria literária sobre o Gótico, monstruosidade e raça, demonstrando o potencial de análise de fontes literárias e teatrais para a construção do conhecimento histórico. As reflexões empreendidas até aqui se encontram em expansão na esteira da pesquisa de monografia, intitulada *As redes do medo no Atlântico Negro e seus monstros: uma leitura frankensteiniana de raça, linguagem e representação literária gótica no século XIX*.

BIBLIOGRAFIA

- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BOTTING, F. **Gothic: The new critical idiom**. London; New York: Routledge, 2005.
- BROOKS, P. **The Melodramatic Imagination**. New Haven & London: Yale University Press, 1976.
- CHARTIER, R. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, São Paulo, Brasil, v. 5, n. 11, p. 173-191, 1991.
- CHARTIER, R. **Cultura Escrita, Literatura e História**. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- COHEN, J. J. **Monster Theory: Reading Culture**. Minnesota: University of Minnesota Press, 1996.
- FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.
- FORRY, S. **Hideous Progenies: Dramatizations of "Frankenstein" from the Nineteenth Century to the Present**. University of Pennsylvania Press, 1990.
- GAY, P. **A experiência burguesa da rainha Vitória a Freud: O cultivo ao ódio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- GODDU, T. The African American Slave Narrative and the Gothic. *In*: CROW, Charles. **A Companion to American Gothic**. New Jersey: Wiley Blackwell, 2014, p. 71-83.
- HALBERSTAM, J. **Skin Shows: Gothic Horror and the Technology of Monsters**. Duke University Press, 1995.
- HITCHCOCK, S. T. **Frankenstein: a cultural history**. New York: W. W. Norton & Company, 2007.
- LLOYD-SMITH, A. 'This Thing of Darkness': Racial Discourse in Mary Shelley's *Frankenstein*. **Gothic Studies**, v. 6, n. 2, nov. 2004, p. 208-222.
- MALCHOW, H. L. **Gothic Images of Race in Nineteenth-Century Britain**. Stanford: Stanford University Press, 1996.
- MULVEY-ROBERTS, M. **Dangerous Bodies: Historicizing the Gothic Corporeal**. Manchester: Manchester University Press, 2016.
- PEAKE, R. B. **Presumption: or, The Fate of Frankenstein**. London: English Opera House, 1823.
- ROBBINS, J. "It Lives!": *Frankenstein*, *Presumption*, and the Staging of Romantic Science. **European Romantic Review**, v. 28, n. 2, p. 185-201, mar. 2017.
- SAGGINI, F. **The Gothic Novel and the Stage: Romantic Appropriations**. London: Routledge, 2016.
- SHELLEY, M. **Frankenstein: The 1818 Text**. London: Penguin Group, 2018.